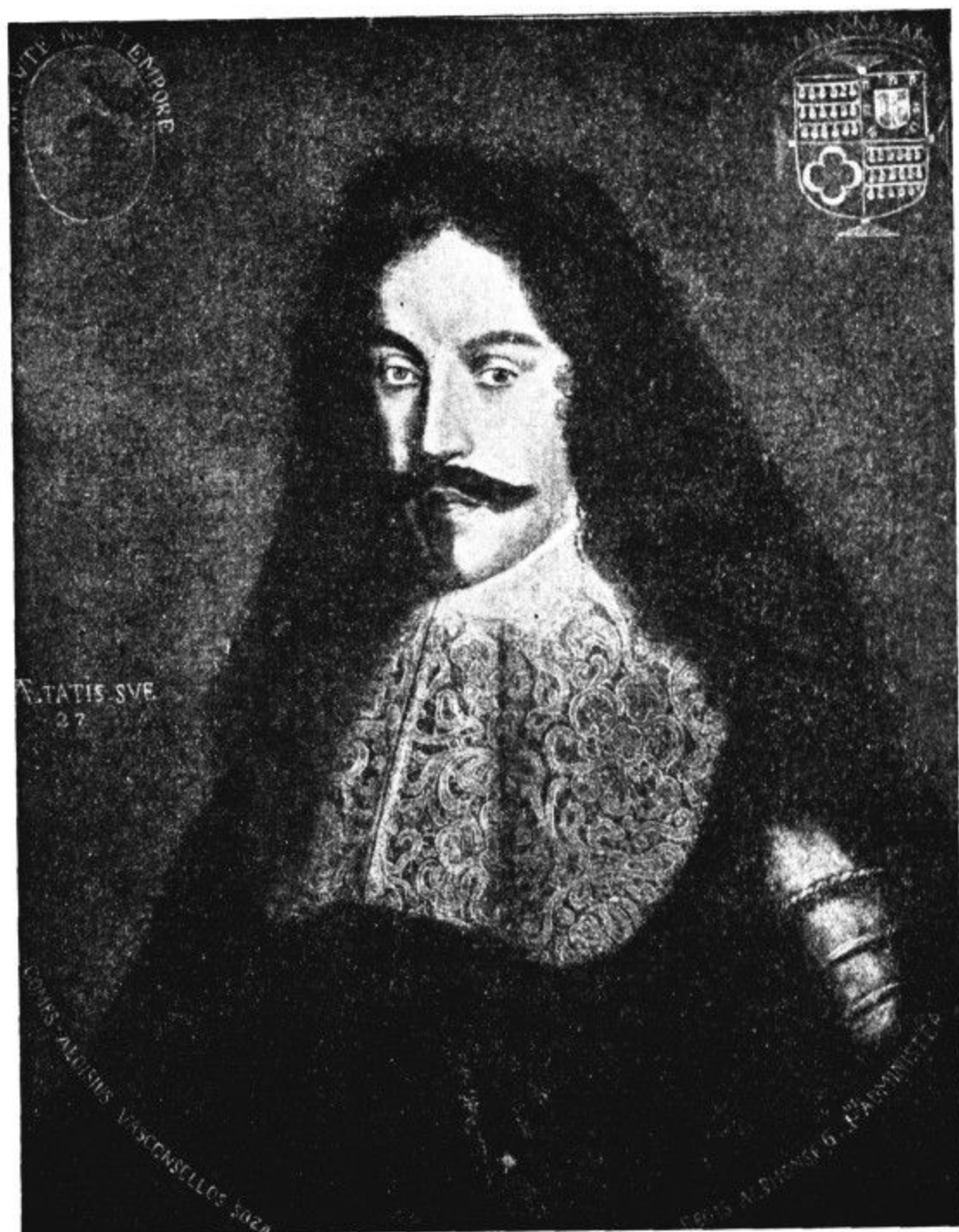




LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA

3.º Conde de Castel-Melhor

*(Retrato existente ao presente no Palácio dos
Senhores Marquesses de Castelo Melhor).*

O CONDE DE CASTEL-MELHOR

AS SUAS PRESUMIDAS RELAÇÕES COM OS ALQUIMISTAS,
MÁGICOS, FILÓSOFOS, MOEDEIROS-FALSOS E ENVENENADORES
DO SÉCULO XVII

I

O 3.º Conde de Castel-Melhor (1) e 6.º Conde da Calheta, Luís de Vasconcelos e Sousa, é uma das figuras históricas do Portugal do século XVII.

Vultuosa pelo papel político que desempenhou, mais pelo alcance dos altos propósitos que se lhe tem querido atribuir, e, finalmente, pelo seu longo exílio, de 20 anos, nas côrtes estrangeiras, passado entre doridas misérias e altas distinções.

O seu nome é, por vezes, a um século de distância um do outro, posto em paralelo com o de Pombal.

Como Pombal parece ter tido uma mocidade vivaz; como Pombal assume atrás de um rei, o absoluto governo da nação, mas mais efêmeramente e sem haver deixado maior rasto da sua acção pessoal; como Pombal resvala depois do máximo poder à máxima adversidade e, como êle, nesta menos dignamente se humilha. Restituído, porém, um dia à pátria, e depois às honras da sua condição, não dá a medida do valor em que se tem pretendido cotá-lo. Da sua experiência e das suas provações nenhuma utilidade reflexamente dimana para o país.

Pombal foi, em si, um homem de indiscutível mérito próprio, que as circunstâncias aliás mais valorizaram: forte temperamento, clara inteligência, grande ilustração de leituras e de observação, indómita energia de vontade e de acção, através de algumas atrocidades ficou todavia justamente

(1) Hoje todos, incluindo os seus representantes, dizem e escrevem — *Castello Melhor*. Ignoro o motivo e data da mudança.

assinalado pela sua forte administração, embora, ela também, não isenta de erros.

¿Era Castel-Melhor igualmente um homem de considerável valor próprio?

Não vemos que esteja demonstrado e o grande pregão da sua maior fama parece de data bastante recente.

Homem distinto, sem dúvida. O acolhimento dos duques de Saboia, de Luís XIV, de Carlos II (que o tratavam por *primo*) nos seus 20 anos de desterro, assás o testemunham.

¿Mas valor efectivo, valor operativo?

A sua mocidade não diz nada. Nada conta de aproveitamento em estudos, nem de maiores feitos militares na campanha em que esteve ao lado do pai. Causa saliente dêle na sua história progressa, só se narra a contenda no *Jogo da Pela*, em que foi morto o Conde de Vimioso (1655), tão certamente por êle, que se homisiou para Saboia e em nenhum outro nome se pôs acusação. Castel-Melhor tinha então apenas 19 anos.

Mais tarde, o seu acesso ao poder não nasce, nem da competência, nem de nenhum austero propósito ou movimento, bem pelo contrário. É um simples audaz ambicioso e o seu caso é o de um mero camarista de 26 anos de idade, que de um rei incapaz e vicioso, pela lisonja e alimentação dos seus vícios, conspirando contra a tutela e regência materna dêle subrepticamente se apodera para a conquista dos selos do Estado, não para a alta e nobre função de governar, mas antes para a simples empresa de ser quem domina e manda secundado por uma clientela sua.

No govêrno, como primeiro ministro, como Escrivão da Puridade, ¿qual é a sua acção?

Tem junto de si dois homens de confiança: o Doutor António de Sousa Macedo, cujo alto valor está, êsse, documentalmente atestado em todos os seus escritos, e que era naturalmente a forte cabeça pensante do govêrno e o homem de firme carácter; ao lado dêste, Miranda Henriques, espécie de alcaiete de Estado graduado em comandante da artilharia encarregado de cultivar a patológica devassidão régia e de prover aos seus baixos recreios.

¿Por si o que faz?

Não parece estar à altura da situação que audaciosamente criou, o que aliás não significa nulidade.

Vale pela sua categoria social, pela magistratura e influência que assumiu e pelo modo que pessoalmente usa na captação política, mas manifesta antes incapacidade, ou pelo menos

bem pouca disposição, o que tanto vale, para tratar a fundo dos grandes negócios públicos.

Castel-Melhor governou até 1667. Qual é a sua obra nêstes 5 anos?

«A conversa constante do Conde de Schomberg, de Colbert du Terron e de Frémont, escreve d'Ablancourt, era sôbre o mau estado dos negócios de Portugal, dos grandes aprestos da Espanha, da pouca experiência do Conde de Castel-Melhor, da dureza do secretário de Estado, dos poucos recursos do país e sobretudo da lentidão que se punha em fazer as cousas necessárias o que fez resolver o Conde a falar com o coração nas mãos ao Favorito.

«O Conde de Castel-Melhor desde o princípio do seu favor pareceu descorçoado do ministério, achando que o trabalho excedia as suas fôrças e bem queria livrar-se da fadiga de um emprêgo que lhe dava muito mais pezar do que prazer; o Conde de Schomberg que sabia quanto estas mudanças são prejudiciais ao bem dos negócios animou de princípio o Conde de Castel-Melhor a manter-se no seu posto, mas vendo-o recair pela segunda vez nestas irresoluções, representou-lhe que no Govêrno de um Estado há que olhar ao de dentro e ao de fóra, que pelo de fóra, que respeita à guerra, disso se encarregava, e pelo de dentro lhe aconselhava de se servir de Frémont que era cheio de boa vontade, que assim gozaria de toda a glória do seu trabalho, sem se achar exposto aos pedidos importunos, que fazem os portugueses quando se julgam necessários ou que estão convencidos de ter prestado algum serviço.

«Ao Conde de Castel-Melhor agradavam estas propostas e aceitou o oferecimento: o Conde de Schomberg embarcou para o Alemtejo... quanto a Frémont ia regularmente duas vezes por dia ao Palácio, onde o Favorito, que era muito assíduo, nada lhe ocultava e lhe pedia o seu parecer sôbre tudo o que tinha a fazer» (1).

Foi assim que se reforçou a acção militar, procurando-se pôr termo a uma campanha, que durava, havia já 26 anos, meia paralizada, e isto se fez com fortuna para Portugal pelas batalhas de Ameixial e de Montes Claros. A liga ofen-

(1) *Mémoires de Monsieur D'Ablancourt, Envoyé de Sa Magesté Très Chrétienne Louis XIV en Portugal, contenant l'histoire de Portugal depuis le traité des Pyrenées de 1659, jusqu'à 1668 (1701)*, pág. 135 e segs.

siva e defensiva com a França, selada pelo tratado de 31 de Março de 1667, foi sobre a na Flandres mal ferida Espanha mais uma pressão para a obrigar à paz, aliás só tratada e firmada depois da retirada de Castel-Melhor, com a intervenção, bastante protectiva para a Espanha, da Grã Bretanha.

Tudo isso, é certo, succedeu no seu govêrno, e sua seqüência, mas em nada se caracteriza uma acção sua, assinaladamente pessoal, intensa e maravilhosa, e o tratado de paz, negociado pela fiel aliada, registou apenas a independência de Portugal, já de facto existente, e mais nada.

Tivesse Castel-Melhor subsistido no Govêrno, tem se dito, e, com a cooperação da França, outra seria a Paz. Portugal teria visto o seu território dilatado, a Galiza incorporada nêlo, talvez acrescido de uma larga facha, estendendo-se, ao longo do Oceano, quasi até ao mar Cantábrico!

Uma tão prodigiosa conquista, evidentemente, seria de natureza a ilustrar quem lhe houvesse presidido, ainda mesmo quando não fôsse sua a acção principal.

¿Ao menos, nesse sentido houve, por parte de Castel-Melhor, algum passo concreto? Não se vê e até muitos poderão pensar que ele fôsse, no fundo, do partido dos que preferiam o estado de guerra. Se houve só imaginativo devaneio, é pouco, e até contraproducente, como matéria de louvor, desde que se lhe não encontrou base, nem militar, nem diplomática. É certo que mais de uma vez Schomberg quiz avvantajar a guerra em terreno espanhol, base única para o aumento territorial e nunca lhe foi consentido.

A D. Pedro, apressam-no a fazer a paz, porque o país estava exausto. Exausto, as suas pretensões não podiam ser grandes.

Portanto a acção governativa de Castel-Melhor trouxe uma paz, que algum dia havia de vir, mas que ficou apenas resumida à simples recuperação do que Portugal era antes de 1580, todavia com Ceuta a menos, tudo com aprovação da Inglaterra, a já inevitável fiel aliada, representada pelo Conde de Sandwich, entre o qual e a Espanha ficámos... ensandwichados. Com a Galiza só Schomberg sonhou.

Ao cabo de 5 anos, Castel-Melhor, que empolgára o poder por um golpe de Estado palaciano de mesquinho quilate, por outro semelhante o tinha de abandonar e de partir para o exílio. ¿A justiça imanente!

Timidamente se retira, abandonado do assustado Rei, que já lhe não podia servir de escudo, à sua triste sorte, talvez até sem uma despedida com um bom conselho a êste.

! Não cai, certamente, de pé e de cabeça levantada, empurrado pela Rainha, pelo Infante e pelo Juiz do Povo!

! E depois?

Depois, é o amargurado e longo destêrro, em que não faz senão insistente e langurosamente recorrer a toda a casta de empenhos (1), senão pedir ao Infante, já aclamado Regente e à Esposa (2), que lhe permitam voltar para Portugal, e afirmar-lhes que lhes é profundamente devotado.

As lamurientas cartas conhecidas são inúmeras. ! Sobre o pobre Rei Afonso VI, nem uma única palavra! Está preso e bem preso; !êlle Conde, de tudo responsável, é que deve ser libertado do exílio!

Ao cabo de 20 anos, morto o Rei, morta três meses depois a Rainha, consente-se-lhe que volte a Portugal.

! Quem é? ! O que é?

Ninguém. Nada. Trata da sua casa em Pombal. E ninguém e nada continua ser.

Homem, sem dúvida distinto, activo e audacioso, mas sem grande alma, que em certo momento assumira aventurosamente um papel à altura do qual se não mostrou, mas no fundo mais nada. A sua fama é imaginária. A sua grandeza só provém do drama em que se envolveu e da desventura do prolongado exílio.

Na sua vasta correspondência, nem sempre gramatical, não há uma concepção, uma alta idea, um nobre arrebatamento, sequer uma frase, que impressione, que faça pensar ou sentir, em que se revele um homem, na grande acepção da palavra, com um coração e uma alma.

Nas alturas foi nobremente arrogante; na desventura é sempre humilde, mas humilde por vezes, quási rasteiro, sem côr sequer de fidalguia.

Em Inglaterra foi certamente um bom compatriota e servidor para a Rainha D. Catarina, dedicado aos seus interesses, e tendo-os acompanhado, dentro dos seus meios de acção. No conflicto religioso do *Pope Plot*, porém, só por êle constam os serviços políticos que alega.

Facto historicamente registado da sua intervenção efectiva,

(1) É neste capítulo muito interessante a inútil correspondência com o Padre Manuel Fernandes, confessor do Regente, publicada no Instituto (1917 e 1918), pelo sr. Edgar Prestage.

(2) Apesar da alegada e julgada *não consumação do matrimonio*, o que não foi suficientemente demonstrado, conservou o tratamento de Rainha.

há um só: na hora extrema de Carlos II cooperou para se alcançar o padre, ao qual o Rei fez a sua confissão de Católico e que lhe ministrou os últimos sacramentos. (Macaulay).

Personagem histórico, certamente o é; personalidade distinta, de altas maneiras, de fidalga apresentação nas côrtes, de agradável convívio nelas, tudo poderá ter sido. Grande homem, porém, não parece que esteja demonstrado que o fôsse, digno de passar à grande história, mórmente ao lado de Pombal.

Não há disso indício suficiente.

Tem-se a impressão de que o seu retrato deve ser o que dêle faz d'Ablancourt. «Luiz de Sousa de Vasconcelos, Conde de Castel-Melhor é garboso de sua pessoa de trato agradável, de resposta prompta, bastante applicado & laborioso amando a glória, confiando a mais nas suas forças na prosperidade, não se sustentando bastante nas desgraças, de resto de nascimento illustre» (*loc. cit.*, pag. 112).

II

As notas biográficas, que o exposto resume são de geral conhecimento, mas são quasi ignorados certos aspectos, um tanto misteriosos e perturbadores, da sua existência no exílio, e a estes nos queremos especialmente referir.

É a 9 de Setembro de 1667 que Afonso VI significa a Castel-Melhor a impossibilidade de o sustentar. O valido parte a 11, seguido de uma escolta e homisia-se no Convento Arrabido do Barro, próximo a Tôrres Vedras.

Não está seguro e segue para Pombal, que lhe não oferece maior segurança.

Mandam no seu encalço. Continua a fugir, e agora só, para melhor se dissimular.

A porta do convento do Bussaco vai bater. A mata é cercada. Escapa escondido debaixo de um altar. ¡Miserable sorte! Hontem ainda, glorioso fidalgo, poderoso ministro. Hoje pobre ser humano, cabisbaixo e receioso. Como fera perseguida, pelos caminhos e desvios se arrasta no maior opróbrio até chegar a Espanha.

Passa a França e aporta a Turim, seu termo de viagem poucos mezes depois por ordem do Regente.

Os reinantes são os duques de Saboia, o duque Victor Amadeu e *Madama* Joana Baptista, irmã de D. Maria Francisca, esposa do Regente D. Pedro e sua fidalga inimiga.

Sem embargo, na cõrte de Saboia é estimadíssimo.

No entretanto o seu ardente desejo é voltar para Portugal.

Com a idea de o alcançar por intermédio da França ou da Inglaterra (1), que em 1671 negociaram com Portugal uma liga contra a Holanda, parte em Novembro dêsse ano para Paris, recomendado pelo embaixador de França em Turim, Servien, e é aí excelentemente recebido.

Em 21 de Novembro Servien escreve a Louvois: «O Sr. Conde de Castelmajor (sic.) está de partida para essa corte. Levará cartas muito favoráveis de Suas Altezas Reaes e eu mesmo tomei a liberdade de lhe dar uma para vós... Deseja alcançar passar o resto dos seus dias em Portugal, na sua família, sem querer, como muito expressamente protesta, ingerir-se em nenhum negócio do Estado» (2).

Em 6 de Fevereiro de 1672 acrescentava: «O Sr. Conde de Castelmajor, que chegou a esta cidade quinta feira, não pode callar o acolhimento e as mercês que recebeu de Sua Magestade».

Vamos agora aos casos *misteriosos*.

A 12 de Julho de 1675, na idade de 46 anos, o duque Carlos Manuel II morre subitamente, após a bebida de um refresco.

¿Envenenado?

Não era o primeiro caso na sua família, e os envenenamentos nas cõrtes, com as mais altas cumplicidades, estavam na ordem do dia.

A descoberta dos beneficios da Marquesa de Brinvilliers, havia dado o primeiro alarme em 1672.

As cõrtes de Itália, França, Holanda, Inglaterra e Espanha estavam cheias de aventureiros e agentes, que, em especialidade ou cumulativamente, praticavam as artes mágicas e a astrologia, a alquimia com a pretendida aurea transmutação dos metais, o fabrico da moeda falsa, os filtros amorosos e os mortíferos venenos para herdeiros apressados.

¿Todos criminosos?

Não. Entre êsses havia, incautamente, filósofos, visionários e porventura inconscientes.

Carlos II era um apaixonado da alquimia e tinha ao seu serviço especialistas técnicos, como o médico Rabel.

Estas práticas, no que respeita a envenenamentos, tomaram

(1) F. Palha, *O Conde de Castel-Melhor no Exílio*, pág. 24

(2) Th. Jung, *La vérité sur le Masque de Fer*, pág. 303.

tais proporções que Luís XIV instituiu a famosa *Camara ardente*, que funcionou de 1679 a 1682, e que teve de encerrar-se precipitadamente, tantas eram as altas compromissões que iam aparecendo: príncipes e princesas, marechais de França, até a Marquesa de Montespan, envolvida em trama contra o próprio Luís XIV, pai de seus filhos.

¡E quantos envenenamentos e tentativas contra altas personagens! Passam por ter morrido envenenados ou terem sido objecto de tentativas, além de Luís XIV e do duque de Saboia, as rainhas de Espanha e da Polónia, o ministro Lyonne, etc.

Mas vamos ao caso do Duque de Saboia.

Morreu, como vimos, em 12 de Junho de 1675.

¿Se foi envenenado, o que está longe de ter sido provado, quem seriam os autores e os cúmplices?

Iung (1), dando como certo o crime praticado sobre o duque, pergunta: «¿Porque motivos? ¿Sob que alta influencia?»

E prosegue assim:

«A historia é muda a tal respeito. Só o acaso, diz-se, fez descobrir esse bando de envenenadores. Foi ao procurar-se a origem de uma letra de cambio que se poz a mão sobre os actores desse terrível drama, cujas peças estão registadas no tomo IV dos *Archives de la Bastille*, do sr. Ravaisson.

«Preso em 5 de Dezembro de 1677 (dois anos depois da morte do duque para indicar a proveniencia de uma letra de duzentos mil francos, pagaveis em Veneza por Castelli e Pacobelli e sacada por um banqueiro de Paris muito conhecido — Cadelan, este, interrogado logo no dia seguinte, declarou trinta anos de idade, ser natural de Arles e official de infantaria reformado. Estes depoimentos e os papeis comprometedores que se encontraram no domicilio da sua amante, M.^{elle} Leclerc, conhecida por Finette, permitiram a La Reynie descobrir um novo bando de malfetores. Tal foi o ponto de partida dêste curioso e estranho processo, que espantou os proprios juizes e desvendou todas as turpitudes da corte de Saboia, bem como todo um mundo de assassinos e de envenenadores. Sem entrar na exposição deste processo, que toma as proporções do mais insensato romance, contentar-me-hei em dar esclarecimentos sobre alguns dos acusados.

«*Luiç de Vanens*, antigo official, natural de Arles (como Cadelan, perdido de dívidas, agente do Marquez de Chasteuil,

(1) Iung, *loc. cit.*, pág. 301 e segs.

viajante em venenos, ele mesmo envenenado por ordem do amo, o Marquez de Chasteuil, falecido na Bastilha.

«O Marquez de Chasteuil, chefe dum bando de envenenadores, adoptava o título de major do regimento da Cruz Branca (de Saboia). É este o Francisco Galaup, dito o Cavaleiro, de que dei a ordem de prisão mandada por Louvois a Saint-Mars e a d'Herleville em 1675.

«Barthominat (1), dito la Chaboissière, dito Delarue, frequentador do hotel de Soissons, de que conhecia o pessoal e onde recebia dinheiro. Nascido em Saint-Germain na Auvergne, tinha trinta e cinco anos quando foi conduzido á Bastilha a 29 de Novembro de 1677. Provou-se ter recebido dinheiro de um parente do chanceler d'Aligre para o envenenamento deste.

«Pedro Cadelan, banqueiro em Paris e secretario do Rei. Natural de Castres, tinha quarenta anos de idade e era casado e pai de familia, quando foi detido em 30 de Dezembro de 1677. Estava em relações de negocios com Castelli, Pocobelli, banqueiros em Veneza, Pedi, banqueiro em Rotterdam, e banqueiro, este, desse bando de malfetores. Foi interrogado pela primeira vez a 4 de Julho de 1678 e encerrado na Bastilha, onde sua mulher só teve licença de o ver depois de 29 de Julho de 1682. Transferido para Besançon a 5 de Setembro de 1683, ali morria no ano seguinte em 30 de Setembro de 1684. Louvois dando parte a La Reynie do fim do miseravel, remetia-lhe o anel encontrado no dedo do defunto.

«O chamado Poncieux, agente desconhecido, viajante em venenos, residindo em Veneza e Alemanha.

«O Conde de Castelmajor estava intimamente ligado com Bachimont, Vanens e Chasteuil para o negocio dos venenos. Nos inventarios feitos em casa de Vanens e de Chasteuil encontraram-se cartas suas muito comprometedoras. Este conde, portuguez de origem, habitava Turim. Tinha uma situação elevada e occupava uma posição muito honrosa.

«O Conde de Bachimont chamava-se Roberto de La Mire, senhor de Bachimont, Duvecourt e Yvranches. Contando cinquenta anos, tinha nascido em Bachimont, no Artois. Muito ligado com os envenenadores, foi encerrado no Castelo de Pierre-en-Cise e interrogado pela primeira vez a 17 de

(1) Creado de Vanens. Enforcado em 16 de Julho de 1682 (Funck Brentano, *Le Drame des Poisons*).

Maio de 1678. Este Bachimont habitava proximo de Lyão com sua mulher numa casa isolada em que fazia alchimia e que servia de esconderijo aos agentes de Turim, de Paris, de Lyão, Bâle e Bordeos. Este senhor de Bachimont era de boa família. Antigo capitão na Picardia, tinha sido um pessimo official, apontado ao ministro pelas suas continuas ausencias... Demitido e expulso do corpo, Bachimont voltou para Paris, onde ha muito vivia com a sua amante, que só desposou em 1674. Em 1675, fez varias viagens a Turim, por ocasião do envenenamento do duque, e, auxiliado pelas quantias que recebeu, veio refugiar-se proximo a Lyão e comprar a mysteriosa casa de que fallámos.

«O cavalheiro de Gomar...»

«Dalmás, cirurgião cego, comprometido no envenenamento do chanceler d'Aligre. Preso em 22 de Fevereiro de 1678.

«Rabel, medico de Paris. Tinha recebido de Carlos II quantias consideraveis. Estava ao serviço de Cadelan.

«Leclère, dita Finette, amante de Vanens: Catarina Leroy, creada de servir; Dusoulaye, lavadeira; Sainte-Colombe, Terron du Clausel, M.^{elle} de Montalais, o presidente Truchi, o *marquez de S. Maurice*, um padre chamado Baub, etc.»

Taes são os personagens dêste drama curioso, que ainda não teve o seu historiador.

A pág. 47, lung escreve o seguinte:

«Os intermediarios entre estes homens perdidos de dividas e estas mulheres desavergonhadas e proporcionalmente supersticiosas, são naturalmente padres, como Dulong, conego do Notre-Dame, Guibourg, o das missas negras, Lepreux, Danon, Racine, Olivier Baub, o cura de Lannoy, Mariette, o famoso Dubuisson (dito Lesage), etc.

«Apenas cito os principais, passo os agentes e muitos outros... D'estas multiplas acções, os *principais chefes para Turim, Lyão, Marselha* são o conde de Bachimont, o *marquez de Chasteuil, o conde de Castelmajor*».

Se se quizesse fazer inteira fé na matéria destas transcrições, indubitável seria que o Conde de Castel-Melhor fizera parte de um bando de envenenadores, mas é essa uma tão extraordinária conclusão, que só com uma rigorosa demonstração se poderia aceitar.

As suas relações, mais ou menos íntimas e directas com as menos recomendáveis creaturas, cujo retrato ficou já esboçado, parecem não poder ser recusadas, mas além de que esses indivíduos talvez tinham fins não exclusivamente, nem muitos principalmente atinentes à matéria de venenos,

resta averiguar as condições em que Castel-Melhor andou misturado com êles.

Iung trata todos os indivíduos, que cita, como simples *envenenadores*, mas Funck Brentano no seu *Drame des Poisons*, não lhes passando atestado de virtude, deixa todavia ver, que se o propósito de envenenamento existia por vezes, estava misturado com outras preocupações de magia, de alquimia, etc., certamente mais inocentes.

Completemos, pois, recorrendo a Brentano, o quadro extraído do estudo de Iung. Aí já se lhe não chama o *bando ou quadrilha de envenenadores*. As mesmas figuras são apenas *o grupo dos alquimistas e dos filosofos*.

E interessante transcrevê-lo, por intenso que seja.

III

«Ao (1) lado do grupo dos bruxos e dos magicos apparece o dos *alchimistas e dos philosophos*, representado pelos Vannens, os Chasteuils, os Cadelans, os Rabels, os Bachimonts.

«A origem d'esta associação de alchimistas e de pesquisadores da pedra filosofal tinha sido das mais dramaticas. Francisco Galaup de Chasteuil, segundo do seu nome — o sugeito pertencia a uma illustre familia do Languedoc, que tinha fornecido homens da mais alta distincção nas armas, na religião e na litteratura — era o seu chefe, ou, para empregar a expressão da *cabala*, era o seu *autor*. A sua existencia tinha sido tudo quanto se pode sonhar de mais phantastico. Nascido em Aix a 16 de Novembro de 1625, era o segundo filho de João Galaup de Chasteuil, procurador geral do Tribunal de Contas de Aix. Seu irmão mais velho Huberto, advogado geral junto do Parlamento da mesma cidade, era «respeitado pela belleza do seu espirito e a profundeza do seu saber»; o seu irmão mais novo, Pedro, era poeta, amigo de Boileau, de La Fontaine, de M.^{elle} de Scudery. Depois de bons estudos, Francisco foi recebido doutor em direito. Em 1644 foi feito cavalleiro de Malta. Prestou á ordem assignalados serviços e o grão-mestre, Lascaris, poz ao seu peito a cruz d'honra.

«Francisco foi depois capitão dos guardas do grande Conde. Em 1652 retirou-se para Toulon, armou um navio e sob o

(1) Funck Brentano. *Le Drame des Poisons*, 10.^a ed., págs. 108 e segs.

pavilhão maltez fez o corso contra os Musulmanos. Os corsarios d'Argel apprehenderam-no e levaram-no prisioneiro. Depois de dois anos d'escravidão, veio para Marselha, onde se fez religioso e veio a ser prior dos Carmelitas. Introduziu no convento uma rapariga, uma creança esbelta e loura com grandes olhos claros. Conservou-a fechada na sua cella e engravidou-a.

«Quando estava prestes a dar á luz, Chasteuil, assistido por um irmão leigo, estrangulou-a no leito e por uma noite escura levou-a á propria egreja do Convento, levantou umas poucas de lages e abriu uma cova para a enterrar. Era uma bulha surda no silencio das abobadas. Um peregrino, adormecido junto de um pilar, acorda: vê os sinistros trabalhadores sob os raios da lua corados pelos vitrais. Atterrado, conserva-se escondido num canto, e ao despertar do dia corre a avisar os magistrados. Chasteuil é preso, julgado, condenado. Ia ser enforcado, quando junto do cadafalso surge Vanens, capitão das galés, com muitos soldados. Chasteuil e Vanens eram amigos. Chasteuil ficou liberto. Levando o seu salvador, refugiou-se em Nice.

«Escondidos num canto retirado, os dois companheiros começaram a trabalhar na pedra philosophal, isto é, em converter o cobre em prata e em ouro. Chasteuil tinha-se occupado d'alchimia e julgava-se senhor do famoso segredo. Cheio de gratidão pelo serviço prestado, deu a Vanens o segredo da prata, mas sobre o do ouro não quiz dizer nada, «não tendo Vanens por bastante prudente para isso». Pouco depois encontramos Chasteuil ao serviço do duque de Saboya, capitão-major dos guardas da Cruz-Branca e, cousa inacreditavel, preceptor de seu filho! Ao mesmo tempo que se occupava da educação do principe do Piemonte, Chasteuil continuava a «philosophar» e encontrou um oleo que convertia, d'isso parecia ao menos convencido, os metais em ouro. Fazia tambem traducções d'autores raros e profanos, dos prophetas menores, de Petronio, da Thebaida, de Estacio, e fazia versos. Chasteuil acabava de passar os quarenta anos. Um contemporaneo dá o seu retrato: «De estatura mediocre, muito magro, sempre incommodado por uma grande tosse, causada por um ferimento que tinha recebido no corpo, costas abauladas e descahidas, bocca levantada, pouca barba, cabellos negros e lisos, tez livida e trigueira. Moreri acrescenta: «O sr. de Chasteuil era um fidalgo dos mais completos, que possuia perfeitamente a philosophia platónica».

«Vanens e Chasteuil ligaram-se com Roberto de Bachimont, senhor de la Miré, que tinha desposado uma prima do superintendente Fouquet. Este Bachimont possuía em Paris uma casa, proxima ao *Templo*, com quatro fornos de digestão: um grande no terceiro andar, dois mais pequenos num quarto ao lado e um grande na cave; tinha um quarto em Compiègne no *Escudo de França*, onde tudo era cadinhos, athenos, alambics, vasos de gres e de vidro, cucurbitas, fornos philosophicos a fogo nu ou coberto, grelhas, almofarizes, retortas, matrizes, saes ammoniacaes, limalhas de ferro, mil formas de pós, de pastas e d'aguas; tinha, finalmente, uma outra instalação na abbadia d'Ainay, proximo a Lyão, sabiamente disposta para a fusão dos metais, distillação dos simples e outras praticas d'alchimia. Não tardou a associação a aumentar-se com um personagem consideravel, Luiz de Vasconcellos y Sousa, conde de Castelmelhor, que tinha realmente governado Portugal durante cinco ou seis anos, como favorito d'Affonso VI. Bachimont diz que Castelmelhor lhe dera o segredo do *vermelho* no vidro. Depois da morte do duque de Saboia, em 12 de Julho de 1675, Castelmelhor retirou-se para Inglaterra, onde ganhou o favor de Carlos II, alchimista e astrologo apaixonado. Assistio à morte do monarcha inglez e foi elle que trouxe o padre catholico que lhe ministrou a extrema unção.

.....

«Chasteuil e os seus colaboradores não procuravam unicamente a solidificação do mercúrio, que devia produzir a pedra philosophal, mas tambem liquifazer o ouro, o que devia produzir uma panacea universal. «O ouro liquido restitue a saude, a força, dá corpo aos velhos, supprime as côres palidas às raparigas, cura a peste, etc., etc.»

«Na falta de mercurio solidificado, procuravam, para a transmutação dos metais, esses pós ou oleos de projecção, de que tanto se falla nessa epoca.

.....

«Em 1676 estes companheiros installaram-se em Paris, onde ahi associaram trez collaboradores importantes a titulos diversos: o empirico Rabel, medico celebre do seu tempo; um rico banqueiro parisiense, Pedro Cadelan, secretario do Rei, e um jovem advogado do Parlamento, João Terron du Clausel. Este morava com Vanens na rua d'Anjou, na casa que tinha como taboleta *Le Petit Hotel d'Angleterre*. O que constituia o seu valor na Associação, é

que podia distillar livremente, visto ter alcançado uma «licença».

.....
«Extrahem bem a quintessencia das plantas e fazem oleos e aguas admiraveis e salutareis e discorrem subtilmente sobre a virtude dos metais e sua transmutação: mas a isto juntam fazer moeda falsa.

.....
«Esta famosa prata que Vanens e Chasteuil faziam com cobre era simples metal branco.

.....
«Quando na manhã de 5 de Dezembro de 1677 Vanens foi preso, Louvois pensou ter prendido um espião. Tinha bottado a mão a um alchimista, e logo após a toda a quadrilha, Terron, Cadelan, M. e M.^{me} Bachimont, Barthominat, dito Chaboissière, creado de Vanens, estavam uns na Bastilha, outros em Pierre-en-Cize. Chasteuil acabava de morrer tranquilamente em Vercel. Rabel havia passado a Inglaterra, onde Carlos II o hospedava, sustentava, pensionava e cobria de dadivas. Mais tarde, voltando a França, foi igualmente encarcerado.

«Consideramos como essencial fazer conhecer este grupo d'alchimistas e de philosophos «por causa de Luiz Vanens. Este jovem gentleman da Provença «desinvolto de estatura e bem feito» tinha brilhantes relações na cõrte, onde estava em pé de intimidade com a deslumbrante amante do rei, a marquiza de Montespan. Por outro lado, frequentava assiduamente a Voisin e foi até durante algum tempo o seu «autor». Vanens foi o traço d'união entre os alchimistas e as bruxas. Era um fervoroso das praticas demoniacas. O seu creado, La Chaboissière, declarou que uma noite teve de ir com o seu patrão e um eclesiastico aos bosques proximos de Poissy, onde com imprecações e invocações ao espirito, se procuravam thesouros. Vanens era um satanico. Estava encarcerado na Bastilha num mesmo quarto com outros presos, como era uso. Tinha consigo um cãesito branco de regaço. Cerca da meia noite, recitava orações sobre o ventre do cão e lançava benções. Depois pegava num livro d'horas com a imagem da Virgem e applicava esta imagem ao trazeiro, dizendo: Salve diabo! aqui tens a tua bõa dona! As observações dos companheiros de captiveiro, respondia «que nem Deus, nem o rei, o impediriam de fazer o que fazia». Para avaliar a extranha rudeza e energia d'estas superstições, é necessario ter em vista que Vanens

estava na Bastilha e que não ignorava que semelhantes praticas poderiam conduzir-o á fogueira.

«No seguimento se comprehenderá toda a importancia que é necessario ligar ao personagem Vanens, recordando as seguintes linhas que se encontram nas notas de Nicolau de la Reynie: «Voltar a La Chaboissière (o creado de Vanens) sobre o facto de não ter querido, quando lhe leram o seu interrogatorio que ficasse escripto que Vanens se tinha mettido a dar a M.^{me} de Montespan conselhos, que mereceriam que o fizessem esquarterar por quatro cavallos».

(Continúa).

EDUARDO BURNAY.